



# Sentidos virados para o fundo da terra: (an)danças e ritmos de pensamentos entre educação, arte e vida

Alda Romaguera  
Alik Wunder

## Desejos...

---

Com Nuno Júdice (2000), no poema *Mineralogia*:

*Quando se encontram,  
palavras que se cruzam como répteis  
nas pedras de um muro,  
metendo-se pelos sentidos  
umas nas outras, mas  
deixando a cabeça ao sol,*

desejamos... “Falamos de desejo, e não de reivindicações, justamente porque reivindicações podem ser satisfeitas, mas o desejo obedece a outra lógica – ele tende à expansão, se espraia, contagia, prolifera, se multiplica e se reinventa à medida que se conecta com outros” (PELBART, 2014, p.260).

Desejos... De expandir encontros de criação coletiva para *afinarmos o corpo, para receber a poesia do mundo. Poesia suspensa nos minutos e milênios provisoriamente.* (QUEIRÓS, 1991).

De ensaiar o pensamento entre outras linhas de escrita, entre outras linhas visuais, provocando fissuras nos suportes e formatos daquilo que se pratica e se reconhece como pensamento acadêmico.

De entremear-se na poesia das pedras, dos ventos, das árvores, dos rios em uma (an)dança coletiva até o pico da Pedra Branca (Caldas - Minas Gerais). Fazer desta travessia uma forma de nos nutrir com imagens e sons e de expandir a *força-pedra*, em nós e no mundo, como um movimento, ao mesmo tempo, artístico e político.

De proliferar encontros que gerem vida, fluxos de interações entre gentes e coisas, como um modo de trazer de volta a vida às coisas que habitam o mundo (Ingold, 2012), este lugar, “Pedra Branca”, ameaçado pela mineração predatória. Desejos de habitar um mundo aberto e se juntar ao processo de formação (INGOLD, 2012).

De que as palavras e imagens se tornem coisas, coisas que vazam. Pedra-coisa, árvore-coisa, palavra-coisa, imagem-coisa. Coisas menos como matéria passiva e inerte. Coisa “como um acontecer, lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam”, “como agregados de fios vitais.” (INGOLD, 2012, p. 29). Colocar as gentes e as coisas em outras circulações. Replicando Nuno Júdice, virar os sentidos para o fundo da terra:

*a cabeça de uma palavra, verde  
como a cabeça de lagarto que o sol  
surpreende, deixa-se ler  
debaixo da pedra, com os sentidos  
virados para o fundo da terra,  
como raízes.*

De provocar vazantes para praticar uma escrita em superfícies efêmeras. Escrita vagalume, piscapiscante. “Para saber dos vagalumes, é preciso vê-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no coração da noite, ainda que essa noite fosse varrida por alguns projetores ferozes” (DIDI-HUBERMAN, 2009, p. 36). De optar por uma escrita-deriva, que perambula e anda-rilha por recitações, em aforísticos fragmentos, em composições com imagens.

De escrever e fotografar como se desenha na pele, escrita inscrita in-corpos a escritaturar cores e linhas, ins-crições. Camadas de (e) sem sentidos a criar uma imagemescr(i)tura que nada deseja revelar.

De roubar da poética o gesto político. Sem fazer poesia, praticar a palavra-pele, que se escridesenha pelos corpos-muros, murais rabiscados em sulcos, como que arranhaduras num rio de traços a pintar. Pele-texto, membrana tátil, tatuagem. Uma escrita-desenho-imagens-signos, (im)pressões. O que se narra é um fluxo, o que se escreve é uma intensidade, não há como oferecer uma forma pura para o que é vida.

De buscar pela fluidez de uma tatulíngua. Silkar palavras. Es(cripto)fotografar.

De romper com a espaçotemporalidade e permitir-se enfrentar espaços instituídos, como que a abrir espaços outros, de pensar sem representar.

De reinventar o ato de escrever e fotografar até que se torne um movimento selvagem em que a palavra e a imagem vão se desfazendo, como linguagens gestadas e experimentadas em sentidos virados para a terra.

De colocar presente a ausência, ao tomar a escrita e a experimentação imagética como armas políticas de resistência.

De fissurar a educação pelas escritas e imagens que não compõem uma verdade. Com João Cabral de Melo Neto (1994), no poema *A educação pela pedra*, espriaiar:

*Uma educação pela pedra: por lições;  
para aprender da pedra, freqüentá-la;  
captar sua voz inenfática, impessoal  
(pela de dicção ela começa as aulas).  
A lição de moral, sua resistência fria  
ao que flui e a fluir, a ser maleada;  
a de poética, sua carnadura concreta;  
a de economia, seu adensar-se compacta:  
lições da pedra (de fora para dentro,  
cartilha muda), para quem soletrá-la.*

*Outra educação pela pedra: no Sertão  
(de dentro para fora, e pré-didática).  
No Sertão a pedra não sabe lecionar,  
e se lecionasse, não ensinaria nada;  
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,  
uma pedra de nascença, entranha a alma.*

De estabelecer conexões entre a pesquisa acadêmica e diferentes áreas de cultura, arte e educação, de modo a sintonizá-las num ritmo próprio com várias combinações. Tal ritmo vibra

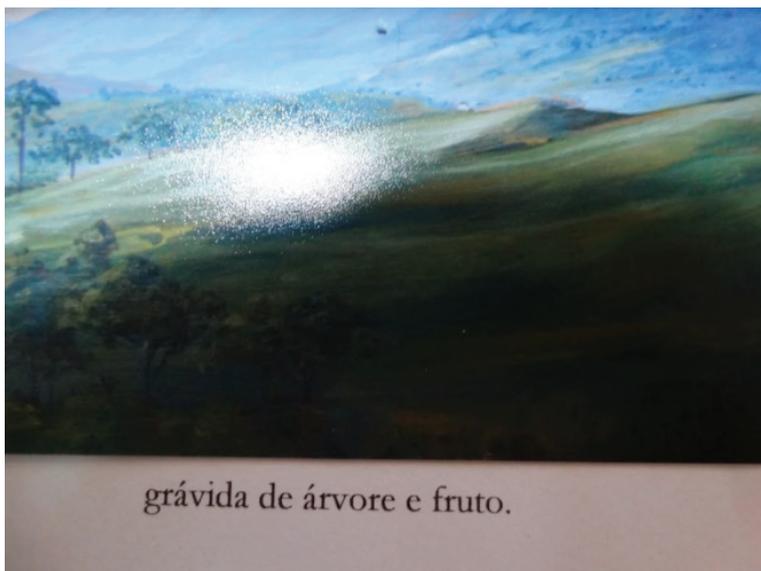
pensamentos em composições literárias, imagéticas, musicais, criando encontros com artistas, pensadores, educadores, configurando parcerias afetivas.

De criar hiatos no pensamento por respirações que são trocas intensivas com outros tempos/espaços. Intersecções, rizomas que se constituem experiências inspiradoras de processos criativos, educativos e culturais com registros fotográficos, filmicos e escritos nos/dos encontros.

É possível ensaiar escritas que devêm? Deleuze (2004, p. 11), responde em *A literatura e a vida*: “A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num outro”. Uma escrita-deriva, como aquilo que resiste e inventa um povo por vir, a “cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”, como alerta Deleuze (1995, p. 10-1). Que efeitos pode ter uma escritura que nada deseja dizer, significar?

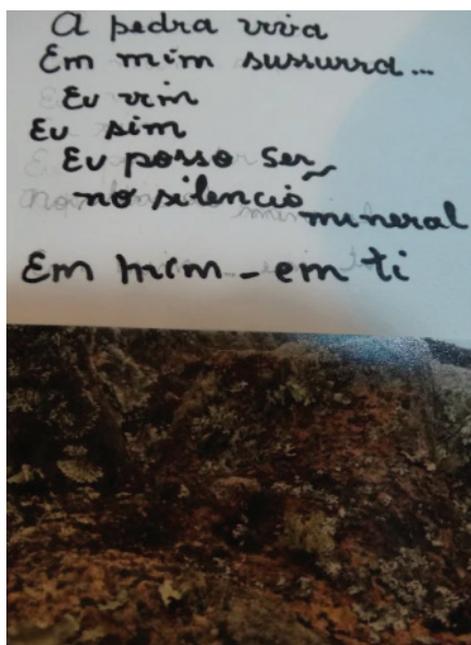
Praticar uma escrita do amor-filia, que se prolifera em rizomas e faz nascer dos encontros de pensamentos, possibilidades outras de (re)inventar-se.

Capacidade criativa que se manifesta em ação política quando nos convida a pensá-la enquanto força de resistência à submissão, contra todas as forças que, ao nos atravessarem, nos querem fracos, tristes, servos e tolos.



grávida de árvore e fruto.



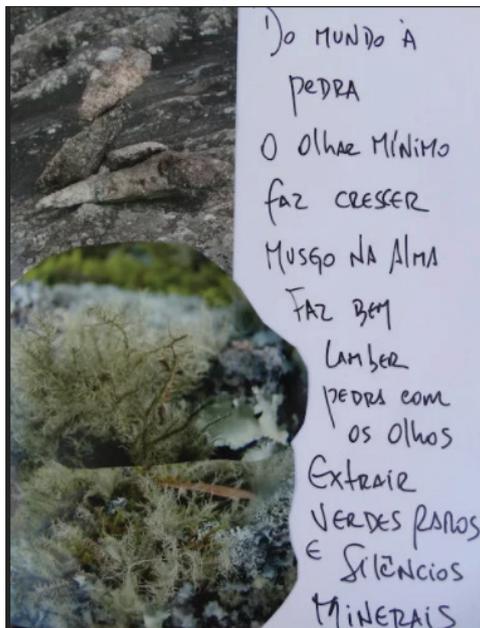
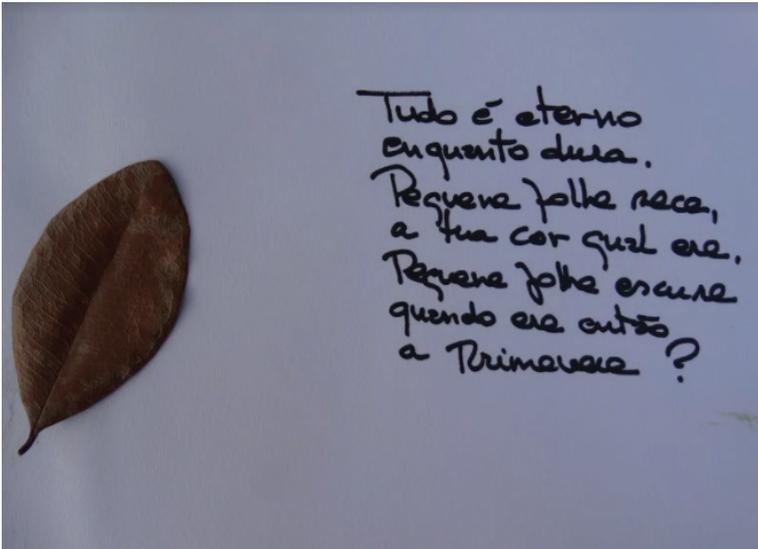




Pájaro azul, miro en tu sombra,  
Alas plegadas en tus pies humanos abiertos.  
Flor recién cortada, en la mano antigua,  
Como el árbol que te sostiene, pese a todo.  
Tiempo de mudanzas. Mirar lo nuevo, sin negar lo viejo,  
Solo abriendo un lugar que se llena de amor.





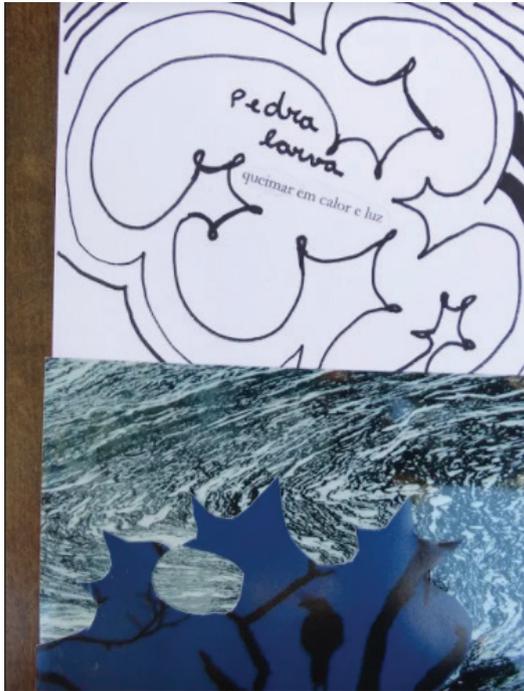




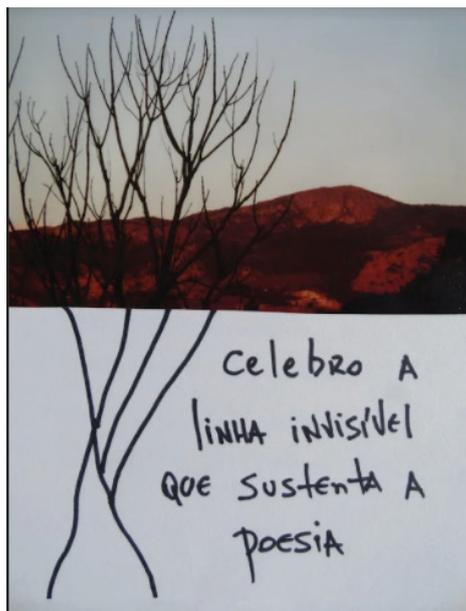
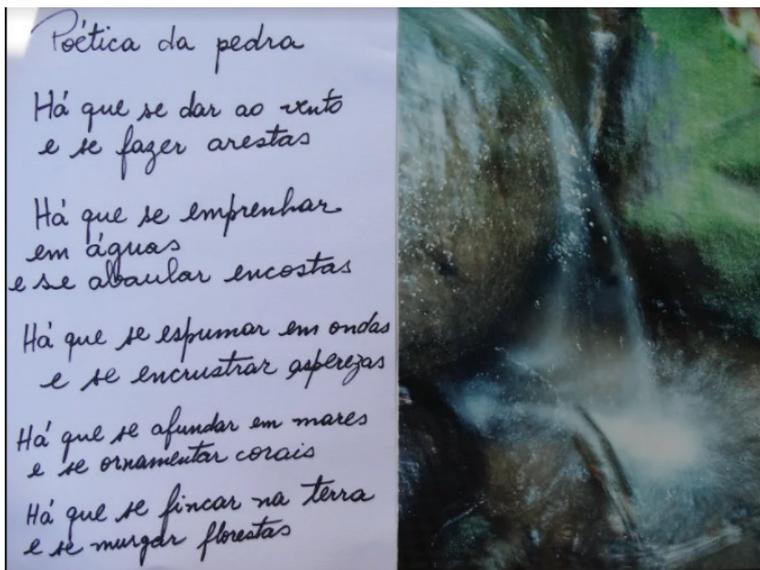
A pedra viva  
Em mim sussurra...

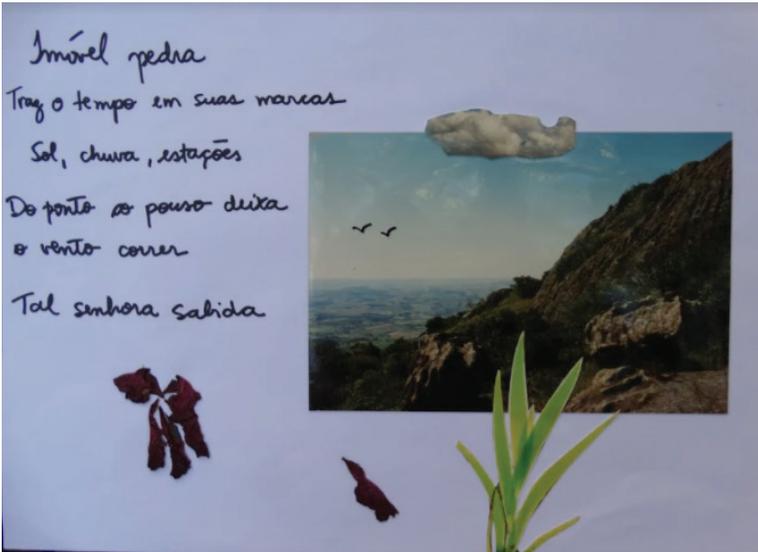


Pisar a terra sem sufocar a semente



Pedra Antiga  
sustenta a terra  
as flores que voam  
e os pássaros que  
sopram silêncios







## Referências

---

DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 2004, p. 11-6.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

INGOLD, T. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 18, n.37, 2012.

JÚDICE, N. *Poesia reunida - 1967-2000*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

MELO NETO, J. C. de. A Educação pela pedra. In: *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

QUEIRÓS, B. C. de. *Minerações*. Belo Horizonte: RHJ, 1991.

PELBART, P. P. *A arte de instaurar modos de existência que ‘não existem’*. In: Bienal de São Paulo. (Org.). Como falar de coisas que não existem. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2014, v. 1, p. 250-265.

**Alda Romaguera** é professora e pesquisadora da Universidade de Sorocaba (UNISO). Graduada em Pedagogia; mestre e doutora em Educação pela Unicamp. Atua em programas de pós-graduação *lato sensu* desde 2005 e pós-graduação *stricto sensu* desde 2012, com foco na formação docente e cotidiano escolar. Desenvolve projetos de pesquisa, organiza oficinas de criação e exposições, como pesquisadora colaboradora do grupo OLHO da Faculdade de Educação da Unicamp. Coordena o Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE) e concluiu projeto de pós-doutoramento na Universidade Federal de Santa Catarina em 2018. E-mail: alda.romaguera@prof.uniso.br

**Alík Wunder** é professora e pesquisadora na Faculdade de Educação da Unicamp. Pesquisa educação, filosofia contemporânea e imagem, em especial, fotografia. Investigadora da linha de pesquisa Arte e Linguagem em Educação e do Grupo de Estudos Audiovisuais (OLHO) da Unicamp. Colaboradora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor). Integra a diretoria da Associação de Leitura do Brasil (ALB). Graduada em Ciências Biológicas pela Unicamp, mestrado e doutorado em Educação pela Unicamp. Pós-doutorado em Educação realizado com financiamento do CNPq (Bolsa Pós-doutorado Júnior) pela Unicamp. E-mail: alikwunder@unicamp.br